REVISTA DIÁLOGOS MEDITERRÂNICOS

ISSN: 2237-6585

Linhagem de Eruditos do Ġarb al-Andalus (Beja, séculos IX-XI). Abordagem preliminar a uma memória

Lineage of Scholars from the Ġarb al-Andalus (Beja, 9th-11th centuries). Preliminary approach to a memoir

António Rei[1]

Resumo: Em Beja, entre meados do século IX d.C. e as primeiras décadas do século XI d.C., existiu uma linhagem familiar de eruditos predominantemente ligados à escola jurídica (*fiqh*) maliki, a predominante em al-Andalus.Àcerca daquele centro de saber jurídico islâmico e das tradições do Profeta, e de difusão de ensino, temos a mais completa informação pela mão de um dos partícipes no mesmo, chamado Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī, que também nos informa sobre a sua linhagem de eruditos e juristas. Os quais durante cerca de dois séculos aprenderam, viajaram, ensinaram e exerceram cargos de importância jurídico-administrativa na sua Beja e na sua região. Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī deixou um texto escrito que, umas décadas depois, no relativos a indivíduos do Ġarb al-Andalus extremo, foi uma das fontes para Ibn al-Faraḍī compor o seu tratado *Tarīkh al 'Ulamā' al-Andalus* (História dos Eruditos de al-Andalus). É sobre esta linhagem de homens do saber e sobre a fonte escrita original, da mão daquele Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī, e de recentes estudos em torno dos mesmos que trata o presente estudo.
Palavras-chave: Linhagem; Eruditos; Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī

Abstract: In Beja, between the mid-ninth century AD and the first decades of the 11th century AD, there existed a family line of scholars predominantly linked to the Maliki school of law (fiqh), the predominant school in al-Andalus. We have the most complete information about this center of knowledge of Islamic law and of the Prophet traditions, and dissemination of teaching, through one of its participants, named Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī, and his lineage of scholars and jurists who, for approximately two centuries, learned, traveled, taught, and held important legal and administrative positions in their city and region. Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī wrote a text that, a few decades later, concerning individuals from the extreme Ġarb al-Andalus, was one of the sources used by Ibn al-Faraḍī in composing his treatise Tarīkh al 'Ulamā' al-Andalus (History of the Scholars of al-Andalus). This study focuses on this lineage of learned men, on the original written source written by Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī, and on recent studies on them.
Keywords: Lineage; Scholars; Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī

*****

[1] Doutor em História da Cultura e das Mentalidades Medievais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, (NOVA FCSH). Investigador Integrado no Instituto de Estudos Medievais (Financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Financiamento Plurianual do Instituto de Estudos Medievais – Referência UID/749/2025).

Introdução - indícios textuais

Ibn al-Faraḍī (Sevilha, 962 d.C. - Córdova, 1013 d.C.)[2] no seu tratado *Tarīkh al ᶜUlamā' al-Andalus* (História dos Eruditos de al-Andalus)[3] para indivíduos do Ġarb al-Andalus extremo, com especial incidência na cidade de Beja e na sua região, teve acesso a dois tipos de fontes: orais, a partir de dois informantes, e a uma fonte escrita.

Um dos informantes, com quem Ibn al-Faraḍī teve contacto direto, foi Muḥammad ibn Yaḥyà al-Tamīmī, de quem nos deixou notícia. E também nos deixou memória do seu pai, Yaḥyà, e do seu irmão Zakariyā'. Para além da *nisba*[4] árabe que os identificava, al-Tamīmī, ficaram também conhecidos como os *Banū l-Barṭāl* ("os de Portel")[5]. Todos eles, pelos seus protagonismos e especificidades, exigem um futuro estudo autónomo, não sendo agora o momento.

A outra fonte oral foi 'Abd Allah ibn Muḥammad Al-Bājī, irmão de Ibrāhīm ibn Muḥammad Al-Bājī, este último o autor do texto escrito a que Ibn al-Faraḍī teve acesso, e que 'Abd Allah complementou com informações orais, que nalgum momento se terão alargado a outros membros da família. Aquele 'Abd Allah teria sido, também, o depositário do texto do seu falecido irmão.

Ibrāhīm ibn Muḥammad Al-Bājī falecera em 962, o mesmo ano em que Ibn al-Faraḍī nasceu. Só mais tarde, na sua juventude e durante o seu período inicial de formação, Ibn al-Faraḍī se terá deslocado ao Ġarb extremo onde terá conhecido 'Abd Allah ibn Muḥammad Al-Bājī já no final da vida deste[6].

1. A Obra

1.1. Origem e suas circunstâncias

---

[2] *BIBLIOTECA DE AL-ANDALUS (BA)* (coord. LIROLA DELGADO, Jorge), 7 vols. + 3 anexos, Almería. Fundación Ibn Tufayl, 2004-2017, "Ibn al-Faraḍī": vol. 3, nº 449, pp. 95-111.

[3] IBN AL-FARAḌĪ, *Tarīkh al 'Ulamā' al-Andalus*. (ed. CODERA, Francisco), 2 vols., *BAH* VII-VIII, Madrid, 1891-1892; IBN AL-FARAḌĪ, *Tarīkh al 'Ulamā' al-Andalus*. (ed. MAR'ŪF, Bašar 'Awwād) 2 vols., Tunes, Dār Ġarb al-Islāmī, 2008.

[4] Menção da origem patronímica, familiar, de linhagem, ou mesmo geográfica às quais uma linhagem estava ligada (v. KAZIMIRSKI, A. de B., *Dictionnaire Arabe-Français*. II vols., Paris: Maisonneuve et Cie. Ed., 1860, v. II, p. 1246).

[5] IBN AL-FARAḌĪ, *Tarīkh al 'Ulamā' al-Andalus*. (ed. CODERA, Francisco), nºs 449 e 1388; IBN AL-FARAḌĪ - *Tarīkh al 'Ulamā' al-Andalus*. (ed. MAR'ŪF, Bašar 'Awwād), nºs 449 e 1388.

[6] Muito provavelmente na segunda metade de 979 (368-9 H.), no período entre a conclusão dos seus estudos históricos, e quando recebeu a *ijāza* de Ibn Mufarrij, e antes da morte de 'Abd Allah ibn Muḥammad Al-Bājī, ocorrida em *rajab* de 369 / meados de fevereiro de 980. (V. *BA* 3, "Ibn al-Faraḍī": nº 449, pp. 95-111, em especial pp. 96-97; *BA* 4, "Ibn Mufarrij": nº 827, pp. 208-210, em especial pp 209-210; IBN AL-FARAḌĪ, *Tarīkh al 'Ulamā' al-Andalus*. (ed. CODERA, Francisco), nº 709; IBN AL-FARAḌĪ, *Tarīkh al 'Ulamā' al-Andalus*. (ed. MAR'ŪF, Bašar 'Awwād), nº 709.

O bejense Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī compôs em meados do século X um texto de tipologia bio-prosopográfica, em relação ao qual têm subsistido dúvidas, em investigadores que têm tratado este assunto, com mais ou menos profundidade, sobre se o texto em causa chegou a ser uma obra completa, ou se se limitou a um conjunto de apontamentos biográficos que nunca teriam chegado a ter uma redação completa e final[7].

A dúvida assenta na inexistência de um título que identifique o texto em causa como obra completa, pois Ibn al-Faraḍī nas diferentes notícias individuais com aquela origem, quase sempre termina com a formulação genérica "*ḏakarahu Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī* (: «mencionou-o Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī»).

No entanto, o mesmo Ibn al-Faraḍī quando naquela sua obra usou, e citou, Ibn al-Ḥārith al-Khušanī[8] também não referiu qualquer título deste autor, pelo que a obra de Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī poderia estar, de facto, concluída, e não ser apenas um texto numa forma provisória ou intermédia.

As notícias que provém de Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī indiciam uma formulação algo encomiástica, para com os elementos das elites jurídicas da sua Beja, mas muito em especial para com os membros da sua própria família.

As notícias referentes aos seus ascendentes e descendentes, que cobrem quatro gerações e cerca de dois séculos, constituem o pilar central textual em torno do qual se organizam e articulam as outras menções referentes a mestres, a discípulos e a condiscípulos.

Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī noticia a sua própria linhagem de juristas, objetivamente desde seu avô, mas remetendo, quer através da *nisba* do mesmo avô, quer da sua própria, para a fixação da sua linhagem na Península Ibérica, fazendo-a coincidir com o início da presença islâmica. Ou seja, seriam uma família de *baladiyyūn* (os primeiros árabes e ou orientais, que se estabeleceram na Península Ibérica).

---

[7] FIERRO, Maribel, e MARÍN, Manuela, "La islamización de las ciudades andalusíes a través de sus ulemas (ss. II/VIII- comienzos s. IV/X)". *Genèse de la ville islamique en al-Andalus et au Maghreb occidental*. (ed. CRESSIER, P. e GARCÍA-ARENAL, M.) Madrid. Casa de Velázquez / CSIC, 1998, pp. 65-98, pp. 82-83; MARÍN, Manuela, "Los Ulemas de Beja: formación y desaparición de una elite urbana". in *Elites e Redes Clientelares na Idade Média*. (ed. BARATA, Filipe Themudo). Lisboa: Ed. Colibri / CIDEHUS – Univ. Évora, 2001, pp. 27-44; SIDARUS, Adel, "A islamização religiosa do extremo Garb al-Andalus (Séculos VIII-X)". in *Portugal, Espanha e Marrocos. O Mediterrâneo e o Atlântico*, (ed. GAMITO, Teresa Júdice), Faro: FCHS – UALG, 2004, pp. 113-132, pp. p. 118, n. 25.

[8] IBN AL-ḤĀRIṮ AL-KHUŠĀNĪ, *Taʾrīkh Quḍāt al-Andalus (História dos Juízes de al-Andalus)*, também conhecida como *Kitāb al-Qudā bi-Qurtuba (Tratado sobre os Juízes de Córdova)*, (séc. X d.C.). (ed. e trad. RIBERA, Julian) Madrid: Imprenta Iberica, 1914.

A cadeia referida de mestres chega aos primórdios da escola jurídica maliki em al-Andalus, e ao seu estabelecimento como "a escola jurídica" dominante desde o século IX e que legitimará a dinastia Omíada, quer ainda no período emiral, quer mais tarde durante o califado.

E é naquela condição de juristas, esteios da legitimação dinástica, e na antiga lealdade (*mawālì*) como clientes da dinastia Omíada, que tinham desde o Oriente[9], que parece assentar um dos objetivos da redação do texto de Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī.

A linhagem, o texto-fonte e a sua transmissão por Ibn al-Faraḍī, já foram identificados e trabalhados, mais resumida ou mais extensamente, por vários investigadores infra referidos, embora até ao presente ninguém se tenha proposto fazer um estudo e uma edição conjunta, crítica e exclusiva do conjunto de todas as notícias que remontam a Ibrāhīm ibn Muḥammad Al-Bājī, e que adiantamos desde já que nos propomos a vir a trabalhar aquele conjunto num futuro próximo.

Façamos agora um ponto da situação presente sobre os estudos anteriores relativos ao texto, ao seu autor e aos seus familiares, e respetivos mestres, discípulos e condiscípulos.

1.2. Abordagens anteriores – ponto de situação

Em 1898 Francisco Pons Boigues no seu *Ensayo* apresenta uma primeira notícia sobre *Abú Ishak el Bechí* (= *Abū Isḥ̲āq al-Bājī*), Ibrāhīm ibn Muḥammad Al-Bājī, o autor aqui em causa[10]. A notícia não refere mais nenhum membro da família do autor, nem outros juristas de Beja.

Mas apresenta dois dados bibliográficos, relativos à obra ou obras de Ibrāhīm ibn Muḥammad Al-Bājī, e respetivos títulos, que Pons Boigues entende sugeridos, porque

[9] Referências à condição de clientela omíada desta linhagem: IBN AL-FARAḌĪ, *Tarīk̲h al 'Ulamā' al-Andalus*. (ed. CODERA, F.), nº 5; MOLINA, Luis, "Famílias andalusíes: los datos del *Ta'rīḫ 'Ulamā' al-Andalus* de Ibn al-Faraḍī". In *Estudios Onomástico-Biográficos de al-Andalus (EOBA) II.* Madrid: CSIC, 1989, pp. 19-99, (: "Jâlid", pp. 42-43); MARÍN, Manuela, "Los Ulemas de Beja: formación y desaparición de una elite urbana", in *Elites e Redes Clientelares na Idade Média.* pp. 27-44, pp. 34-35; SIDARUS, Adel, "A islamização religiosa do extremo Garb al-Andalus (Séculos VIII-X)", *Portugal, Espanha e Marrocos. O Mediterrâneo e o Atlântico*. p. 118, n. 29; *PROSOPOGRAFÍA DE LOS ULEMAS DE AL-ANDALUS (PUA).* (coord. ÁVILA, María Luisa), Granada: Escuela de Estudios Árabes (EEA–CSIC), https://www.eea.csic.es/pua/personaje /consulta_personaje.php?id=53 [Consulta: 23/08/2025].

[10] PONS BOIGUES, Francisco, *Ensayo bio-bibliográfico sobre los historiadores y geógrafos arábigo-españoles.* Madrid: Tipografía San Francisco de Sales, 1898, nº 26, p. 67.

não explicitados, por Ibn al-Faraḍī: um *Kitāb Rijāl Ahl Bāja* (: *Livro dos Notáveis da Gente de Beja*)[11], e um outro, *Kitāb fī Fuqaḥà Bāja* (: *Livro sobre os Juristas de Beja*)[12].

No final Pons Boigues admite que ambos os títulos podem reportar-se, efetivamente, a uma única e mesma obra. Veremos adiante como aquelas propostas na obra de Pons Boigues acabaram por deixar marca na bibliografia futura sobre este texto e sua titulatura.

Bem mais de meio século depois, em 1965, Martim Velho, em *Varões Árabes Ilustres do Andaluz Ocidental*[13], traduziu e publicou, a partir da *Ta'rīkh 'Ulamā' al-Andalus* de Ibn al-Faraḍī, um total de 39 notícias prosopográficas para o extremo ocidente peninsular. Delas 33 referem-se a Beja, e destas, 25 provêm de Ibrāhīm ibn Muḥammad Al-Bājī, ou seja, cerca de 3/4 do total.

Um quarto de século mais tarde, em 1989, Luis Molina, em "Famílias andalusíes: los datos del *Ta'rīj 'Ulamā' al-Andalus* de Ibn al-Faraḍī"[14], dedica duas páginas aos Banū Khālid (Jālid [na transcrição castelhana] pp. 42-43), a linhagem do autor Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī. São designados daquela forma, mais surpreendente porque não justificada, já que o último indivíduo que surge referido na *nisba* do avô e na do próprio autor, se chama Yazīd (!), e por qualquer razão não explicitada, ficam pela onomástica do antepassado da geração seguinte. Naquele estudo constam informações muito sucintas que remetem para a obra de Ibn al-Faraḍī, e uma árvore genealógica. Nela Luis Molina integra, como tio do autor, um indivíduo chamado Isḥāq ibn Ibrāhīm[15], o qual, uns anos depois, não irá ser tomado em conta nem integrado na árvore genealógica elaborada por Manuela Marín[16].

Diferentemente, a partir de outra fonte, a de al-Zubaydī, *Ṭabaqāt al-naḥwiyīn wa-l-luġawiyyīn* (: *Listagens de Gramáticos e de Linguistas*) Manuela Marín integra um outro indivíduo, com um nome algo semelhante, ainda que mais extenso, Isḥāq ibn Ibrāhīm ibn Muḥammad[17], e a quem a autora integra como filho do autor do texto. Parece-nos

[11] IBN AL-FARAḌĪ, *Tarīkh al 'Ulamā' al-Andalus.* (ed. CODERA, F.), vol. II, p. 27, nº 1489.
[12] IBN AL-FARAḌĪ, *Tarīkh al 'Ulamā' al- Andalus.* (ed. CODERA, F.), vol. II, p. 67, nº 1620.
[13] VELHO, Martim, *Varões Árabes Ilustres do Andaluz Ocidental*. Évora: Junta Distrital de Évora, 1965. (primeira tradução portuguesa de notícias da fonte árabe de Ibn al-Faraḍī, e que necessitam revisão).
[14] MOLINA, Luis, "Famílias andalusíes: los datos del *Ta'rīkh 'Ulamà al-Andalus* de Ibn al-Faradî", *EOBA II* (1989), pp. 19-99, (: Jâlid, pp. 42-43).
[15] IBN AL-FARAḌĪ, *Tarīkh al 'Ulamā' al-Andalus.* (ed. CODERA, F.), nº 230;
[16] MARÍN, Manuela, "Los Ulemas de Beja: formación y desaparición de una elite urbana", in *Elites e Redes Clientelares na Idade Média.* p. 44.
[17] AL-ZUBAIDĪ, *Ṭabaqāt al-naḥwiyīn wa-l-luġawiyyīn,*(ed. IBRĀHĪM, M. A.-F.), Cairo, 1984, p. 309, nº 291.

plausível, pois inclui na *nisba* também o nome, Muḥammad, que coincide com o do possível avô.

Em 1998, Maribel Fierro e Manuela Marín publicaram "La islamización de las ciudades andalusíes a través de sus ulemas (ss. II/VIII-comienzos s. IV/X)"[18], onde referem genericamente, sem os nomear, alguns dos juristas da cidade de Beja, em número de 28. A exceção é o autor do texto, designado como «Ibrāhīm ibn Muḥammad ibn Ibrāhīm al-Bājī», e para cujo texto avançaram, sem qualquer remissão, nem no texto nem em nota, um título que soa a conhecido: *Kitāb Rijāl Ahl Bāja* (: *Livro dos Notáveis da Gente de Beja*). Ou seja, avançaram, algo surpreendentemente, pela ausência de qualquer referência a trabalho anterior, um título, dos que surgiam, *ipsis verbis*, e como antes citei, em Pons Boigues.

Dizem também que Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī faleceu em 994 (sem explicitarem como chegaram àquela data), quando o mesmo falecera em 962[19].

Os 28 eruditos bejenses que as autoras referem, é um número algo curto para a totalidade de todos os referidos por Ibn al-Faraḍī, que, de facto, são 39.

Manuela Marín voltou, em 2001, a este tema e contexto, com "Los Ulemas de Beja: formación y desaparición de una elite urbana"[20]. Aborda de forma mais completa e articulada o conjunto dos juristas de Beja, neste caso em número de 35, e faz referência à linhagem em causa, dos *Banū Yazīd al-Bājī*, mas aquela anterior proposta de título para o texto, aparecida em 1998, não se volta a repetir. Há uma referência à data, 962 d.C., da morte de Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī, mas surge numa frase pouco clara e em que não se percebe se a data é associada ao autor ou ao seu avô homónimo[21].

Em 2004 surge uma nova abordagem levada a cabo por Adel Sidarus em "A islamização religiosa do extremo Garb al-Andalus (Séculos VIII-X)"[22], onde, ao tratar

[18] FIERRO, Maribel, e MARÍN, Manuela, "La islamización de las ciudades andalusíes a través de sus ulemas (ss. II/VIII- comienzos s. IV/X)", in *Genèse de la ville islamique en al-Andalus et au Maghreb occidental* (ed. CRESSIER, P. e GARCÍA-ARENAL, M.) Madrid: Casa de Velázquez / CSIC, 1998, pp. 65-98.
[19] IBN AL-FARAḌĪ, *Tarīkh al 'Ulamā' al-Andalus.* (ed. CODERA, F.), nº 33; IBN AL-FARAḌĪ, *Tarīkh al 'Ulamā' al-Andalus* (ed. MAR'ŪF, Bašar 'Awwād), nº 33.
[20] MARÍN, Manuela, "Los Ulemas de Beja: formación y desaparición de una elite urbana", in *Elites e Redes Clientelares na Idade Média* (ed. BARATA, F. T.). Lisboa: Ed. Colibri / CIDEHUS – Univ. Évora, 2001, pp. 27-44.
[21] MARÍN, Manuela, "Los Ulemas de Beja: formación y desaparición de una elite urbana", in *Elites e Redes Clientelares na Idade Média.* p. 41.
[22] SIDARUS, Adel, "A islamização religiosa do extremo Garb al-Andalus (Séculos VIII-X)", *Portugal, Espanha e Marrocos. O Mediterrâneo e o Atlântico*. (ed. GAMITO, Teresa Júdice), Faro: FCHS – UALG, 2004, pp. 113-132.

Beja, toca aquele ponto. Ao denominar a linhagem em causa, Sidarus não se aparta completamente da leitura de Luis Molina, antes opta por um certo compromisso de meio termo, ao designá-la como *Banū Kẖālid ibn Yazīd*, e não apenas como *Banū Yazīd al-Bājī*.

E relativamente ao título proposto por Fierro / Marín em 1998 (*Kitāb Rijāl Ahl Bāja*), que Sidarus (ao desconhecer a notícia de Pons Boigues), entende como uma criação da dupla de autoras, acha que o mesmo é demasiado formal, assertivo e conclusivo[23], tendo em conta as várias incertezas em torno do tema. Nada diz sobre a data equivocada do falecimento do autor.

A *Biblioteca de al-Andalus (BA)* (coord. Jorge Lirola Delgado) tem duas referências a indivíduos dos *Banū Yazīd al-Bājī*, embora desarticuladas entre si, e curiosamente em dois volumes diferentes, afastados na organização da obra, embora publicados no mesmo ano: no volume 1 e no Apêndice, ambos do ano de 2012.

Começando pelo volume *A - Apéndice*, nele há uma notícia de um Isḥāq ibn Ibrāhīm, numa notícia onde se funde, e confunde, Isḥāq ibn Ibrāhīm (antes cooptado por Molina) com Isḥāq ibn Ibrāhīm ibn Muḥammad (integrado por Marín)[24], e atrás referidos, aventando poder tratar-se do mesmo indivíduo[25], e sem que uns refiram leituras de outros.

No volume 1 surge uma notícia intitulada "*Abū Isḥāq al-Bājī*"[26], referindo-se a Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī, o autor do texto / obra que aqui nos ocupa, embora aí se refiram, muito sucintamente, o seu pai, Muḥammad, e o seu avô Ibrāhīm, e os seus respetivos percursos.

O mais significativo desta notícia é uma outra proposta de título para a obra em causa: *Kitāb fī Fuqaḥà Bāja* (Livro sobre os Juristas de Beja), que, apesar de tal título já surgir, com anterioridade, em Pons Boigues, é apresentada como se emergisse explicitamente do texto de Ibn al-Faraḍī, o que não é aceitável.

---

[23] SIDARUS, Adel, "A islamização religiosa do extremo Garb al-Andalus (Séculos VIII-X)", p. 118, n. 25: "[…] há que rever o título formal de *Kitâb rijal ahl Bâja*, que é mencionado em Fierro/Marín 1998, 83. […]",

[24] *BA*, A /Apéndice, nº 1928, p. 31. Expressão onomástica que retoma a que Pons Boigues apresentara (v. supra n. 10), que, no entanto, não é referido.

[25] Hipótese que terá sido tomada do aparato crítico da edição de Ibrāhīm al-Abyārī da *Tarīkh al 'Ulamā' al-Andalus,* (Cairo, 1983: v. I, p. 142, nº 230), e que foi retomada na edição de Bašar 'Awwād Ma'rūf da *Tarīkh al 'Ulamā' al-Andalus* (Tunes, 2008: v. I, p. 124, nº 230, n. 1). A semelhança onomástica não é argumento suficiente, pois ninguém deu atenção aos mestres de cada um, que claramente não foram contemporâneos, o que confirma tratarem-se de dois indivíduos diferentes, embora de uma mesma linhagem, sendo aquele primeiro indivíduo tio-avô do segundo.

[26] *BA,* 1, nº 69, p. 227.

A notícia presente em *BA* 1 cita, na sua bibliografia, o *Ensayo* de Pons Boigues, onde constam ambos os títulos, e os quais são entendidos como provindo ambos de Ibn al-Faraḍī. Não se entende, pois, porque é que só é referido um e omitido o outro. E esta mesma questão também se coloca, inversamente, a Maribel Fierro e Manuela Marín, ainda que naquele artigo a quatro mãos, todo o texto relativo a Beja não apresente qualquer nota.

Voltando à notícia da *BA*, surge ainda na mesma a menção a um outro título, *Muṣannaf fi Rijāl al-'Ilm bi-Bāja* (Compilação sobre os Notáveis de Ciência em Beja), considerando que esta possa ser a mesma obra que a *Kitāb fī Fuqaḥà Bāja* e que "em ocasiões se cita" daquela forma. Infelizmente não informa em que ocasiões é citado, e quem cita ou citou a mesma. Apesar deste *Muṣannaf* ser citado nesta notícia, este título encontra-se ausente dos índices bibliográficos da mesma *BA*.

A base de dados *Prosopografía de Ulemas de al-Andalus*[27] *(PUA)* no relativo a esta linhagem dos *Banū Yazīd al-Bājī* (que ali é identificada como *Banū Khālid [Jālid]*, como já antes propusera Luis Molina, ele mesmo um dos responsáveis científicos pela base *PUA*) identifica sete indivíduos, e na entrada referente ao autor do texto, Ibrāhīm ibn Muḥammad, apenas informa em nota, e em que remete para Ibn al-Faraḍī, que "*alguns da sua família* [de Ibrāhīm ibn Muḥammad] *o informaram* [a ele Ibn al-Faraḍī]"[28], sem qualquer menção ou alusão a um texto escrito com importância naquela transmissão de informações.

Mudando agora a nossa atenção para uma outra questão, para a qual entendemos ser necessário deixar aqui uma nota prévia.

Trata-se do termo *ṭabaqa* (plural: *ṭabaqāt*) com que tradicionalmente, na literatura historiográfica árabe, se identificam estas fontes bio-prosopográficas.

O termo (ou termos), é geralmente traduzido como "geração/ões", embora o seu âmbito semântico permita outras acessões, como *classe, categoria, camada, estrato*. Portanto o termo *ṭabaqa* não identifica apenas classes de indivíduos que se articulam especialmente pela contemporaneidade, mas também indivíduos que se articulam por um

[27] *PROSOPOGRAFÍA DE LOS ULEMAS DE AL-ANDALUS (PUA).* ÁVILA, María Luisa (coord.), Granada: Escuela de Estudios Árabes (EEA–CSIC), https://www.eea.csic/pua/familia/consulta_familia.php?idf=234 [Banū Ḫālid 1]) [Consulta: 23/08/2025].

[28] *PROSOPOGRAFÍA DE LOS ULEMAS DE AL-ANDALUS (PUA).* ÁVILA, María Luisa (coord.), Granada: Escuela de Estudios Árabes (EEA–CSIC), (https://www.eea.csic.es/pua/personaje/consulta_personaje.php?id=204) [Consulta: 23/08/2025].

elemento comum do saber, ou pelo exercício de funções idênticas, e em que existam correlações diacrónicas ou sincrónicas, podendo vários deles terem ocupado, sucessivamente, determinados cargos[29].

Por exemplo, Manuela Marín no artigo "Los Ulemas de Beja: formación y desaparición de una elite urbana", atrás referido, ao explicitar, por esta ordem, que em Beja o papel de arbitragem jurídica foi inicialmente assumido por Ibrāhīm ibn Isḥāq ibn ʻĪsà, por Ibrāhīm ibn ʻUmar al-Ruᶜayni, por Hišām ibn ʻAmrūs e por Ibn al-Qawn[30], assim elencados conjuntamente e sem qualquer referência cronológica, pode criar a perceção de que se trata de uma camada geracional (*ṭabaqa*), com todos eles com idades aproximadas, e que poderiam até ter sido condiscípulos, com mestres comuns.

Não é, no entanto, o caso. Trata-se da outra situação: o que os une é o facto de se terem sucedido no cargo de *muftì* (jurisconsulto) na cidade de Beja, não sendo próximos nas idades, não terem tido mestres comuns, e de nem se terem sucedido no cargo pela ordem que a autora os elencou.

A ordem sucessória na função, e atendendo aos respetivos finais de vida (em datação da Era Cristã) terá sido: 1- Ibrāhīm ibn Isḥāq ibn ʻĪsà (m. 881), 2- Hišām ibn ʻAmrūs (m. 900), 3- Ibrāhīm ibn ʻUmar al-Ruʻaynī (m. 920), e 4- Ibn al-Qawn (m. 921).

Algo semelhante acontece, no mesmo trabalho, na referência conjunta a outros quatro indivíduos, alguns comuns ao grupo atrás citado, Ibrāhīm ibn Isḥāq ibn ʻĪsà, Ibrāhīm ibn ʻUmar al-Ruʻayni, Isḥāq ibn ʻAbd Rabbihi, e Yaḥyà ibn Ḥazm al-Anṣārī, que exerceram a função de *ṣāḥib al-ṣalāh* (diretores da oração) na sua cidade[31], mas em que, cronologicamente, os dois últimos foram, de facto, os dois primeiros. A ordenação sucessória é, neste caso, e no mesmo critério da anterior: 1- Isḥāq ibn ʻAbd Rabbihi (m. 854), 2- Yaḥyà ibn Ḥazm al-Anṣārī (m. 865), 3- Ibrāhīm ibn Isḥāq ibn ʻĪsà (m. 881), 4- Ibrāhīm ibn ʻUmar al-Ruʻaynī (m. 920).

Em relação à questão da precisão cronológica a autora diz no mesmo artigo que "*para datar os primeiros ʻulamà de Beja é necessário recorrer aos dados cronológicos*

[29] Sobre *ṭabaqāt* ver o excelente estudo e síntese em MARTOS QUESADA, Juan, *Historiografía Andalusí – Manual de Fuentes Árabes para la Historia de al-Andalus*. 2 vols., Madrid / Cáceres: Univ. Extremadura / SEEM / CSIC, 2022: "5) Fuentes bio-bibliográficas", vol. I, pp. 57-66. V. ainda GILLIOT, Claude, "Prosopography in Islam – an essay of classification", in *Medieval Prosopography* 23 (2002). Kalamazoo: Western Michigan University, special issue: «Arabic-Islamic medieval culture», pp. 19-54.
[30] MARÍN, Manuela, "Los Ulemas de Beja: formación y desaparición de una elite urbana", in *Elites e Redes Clientelares na Idade Média.* p. 33.
[31] MARÍN, Manuela, "Los Ulemas de Beja: formación y desaparición de una elite urbana", in *Elites e Redes Clientelares na Idade Média.* p. 34.

relativos aos seus mestres"[32], embora depois aquela correlação discípulos-mestres em busca da precisão cronológica não tenha sido levada a cabo por completo; e, nos casos atrás referidos, não certamente.

Ainda assim, em algumas notícias do conjunto dos juristas de Beja existem informações cronológicas, em especial nas relativas aos membros da linhagem do autor, Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī, e que devem ser tomadas em conta pois ajudam a situar todo aquele conjunto de indivíduos, quer no percurso das suas vidas, quer na vigência dos cargos que exerceram.

2. O Autor

2.1. Origem familiar

De seu nome completo Ibrāhīm ibn Muḥammad ibn Ibrāhīm ibn Isḥāq ibn ʻĪsà ibn Aṣbaġ ibn Khālid ibn Yazīd al-Bājī nasceu em Beja, no Ġarb al-Andalus, no ano 287 da hégira, correspondendo ao ano 900 d.C. Filho de Muḥammad e neto de outro Ibrāhīm, aquela *nisba* que o seu nome ostenta, cobre, retrospetivamente, sete gerações de antepassados em que o primeiro ou o segundo terá vindo para a Península Ibérica desde o Médio Oriente, onde já então eram clientes (*mawālī*) dos Omíadas, então Califas em Damasco[33].

Vejamos as informações que nos proporciona o nome do autor:

Abū Isḥāq (Pai de … [patronímico composto a partir do nome do filho primogénito])

Ibrāhīm (nome próprio do autor do texto) (nascido em 900)

ibn Muḥammad (pai) (nascido 875)

ibn Ibrāhīm (avô) (nascido em 809) (o *itálico* identifica as gerações ascendentes diretas do autor e que estão noticiados na obra)

ibn Isḥāq (bisavô) (c. 780), ibn ʻĪsà (trisavô) (c. 750), ibn Asbaġ (4º avô) (c. 720), ibn Khālid (5º avô) (c. 690), ibn Yazīd (6º avô) (c. 660)

[32] MARÍN, Manuela, "Los Ulemas de Beja: formación y desaparición de una elite urbana", in *Elites e Redes Clientelares na Idade Média.* p. 32.

[33] Não ostentando uma *nisba* árabe, seriam eventualmente cristãos orientais convertidos ao Islão, e em que aquela condição clientelar em relação aos Omíadas seria o elemento identificador mais prestigiante.

al-Bājī (= “o de Beja” - nome do lugar onde a linhagem se estabeleceu, e com o qual se passou a identificar)

2.2. Inserção social da linhagem

Terá sido na geração do avô de Ibrāhīm, e seu homónimo, que se terá dado o passo decisivo na ascensão social da linhagem, através do percurso, constante em quatro gerações, na escola jurídica maliki, ocupando vários cargos de natureza jurídica na sua cidade.

Com uma formação escolar que começaria no próprio meio familiar, alguns deles mais tarde viajaram, para aprofundar os seus conhecimentos em outros meios letrados, quer em al-Andalus, quer fora da Península, deslocação que incluía geralmente a peregrinação a Meca.

Para a redação dos seus textos, para além da sua própria memória, os principais informadores de Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī terão sido elementos da sua própria família, para além de outros seus condiscípulos e concidadãos.

No seu texto Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī elencou muitos dos notáveis da sua cidade, de que haveria memória, e se a obra é prosopográfica no seu conjunto, ela pode ser considerada genealógica no respeitante à linhagem do autor, pois não apenas trata a sua linha direta ascendente, mas também os ramos colaterais (tios e primos) na descendência do seu avô.

Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī prestigia diretamente os seus, dando notícia das suas formações, dos seus mestres e dos cargos oficiais que exerceram, também associa os mais importantes condiscípulos contemporâneos e conterrâneos das diferentes gerações, e deixando as mais significativas informações dos seus percursos de vida.

2.3. Motivação da obra

Qual terá sido a motivação básica de toda aquela redação de Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī ? Vamos apontar a que nos parece que melhor se integra no contexto da época e da vida do autor.

Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī nasceu quando a força da dinastia Omíada em al-Andalus se encontrava politicamente enfraquecida, durante o período entre 875 e 929, desde o final do reinado de Muḥammad I, durante o meteórico reinado de al-Munḏir, durante do reinado de ‘Abd Allah e ainda durante quase duas décadas do reinado de ‘Abd al-Raḥmān III.

É o período das chamadas "autonomias muladis", um género de "primeiras taifas" que foi no Ġarb al-Andalus onde tiveram maior expressão, quer pelo seu número, quer pelo longo período que abarcou, mais de meio século, e em que se prolongaram dinastias de ibéricos convertidos (*muladis*) que dominaram e repartiram o Ġarb.

Estes novos senhores do Ġarb, no caso de Beja e sua região designadamente os Banū Abī l-Jawwād[34], terão buscado a legitimação dos seus poderes, que eles, afrontosamente, subtraíam à submissão dos Emires de Córdova.

E tudo parece apontar para que os juristas de Beja, da escola jurídica maliki no Ġarb, não se tenham disposto a legitimar, subservientemente, aqueles novos poderes. Pelo contrário, ter-se-ão mantido leais ao poder central dos Emires de Córdova, e se a maioria não o terá assumido social e abertamente, ao menos terão mantido aquela lealdade em privado.

Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī noticiou os juristas de Beja que se articularam com os seus antepassados e também com ele mesmo, e fez remontar aquele conjunto de mestres e de discípulos, direta ou indiretamente, até Yaḥyà ibn Yaḥyà al-Layṯī[35], o jurista considerado o "fundador" da escola maliki em al-Andalus, na primeira metade do século IX d.C. Em meados do século IX d.C., o poder Omíada de Córdova escolheu-a para que se tornasse a escola jurídica oficial de al-Andalus e que, naquela condição, daria a chancela legal ao poder emiral e depois califal[36], e aquela aliança, entre os monarcas e os juristas maliki, manteve-se até ao final do califado.

Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī cuja vida acompanhou o fim daquelas autonomias *muladis*, e a reunificação e pacificação de al-Andalus por 'Abd al-Raḥmān III, o surgimento do Califado e o início do seu apogeu político, diplomático, militar e cultural, terá querido produzir o registo de uma memória, em que a sua linhagem, os seus mestres

[34] SIDARUS, Adel, "O Alentejo durante a grande dissidência luso-muçulmana do século IX/X". In *Nós e a História – Actas do Encontro Regional de História*, Évora: Universidade de Évora, 1990, pp. 31-43; MARQUES, A.H. de Oliveira, "O «Portugal islâmico»", in *Nova História de Portugal*. XIII vols., Lisboa: Ed. Presença, vol. II, 1993, pp. 117-249, p. 127.

[35] Yaḥyà ibn Yaḥyà tinha estado em Medina al-Munawwara (=A cidade que irradia luz), na atual Arábia Saudita, onde se formou na matriz da escola jurídica maliki, podendo mesmo ter ainda conhecido pessoalmente Malik ibn Anas, o *imām* (guia, mestre) fundador da escola que lhe herdou o nome. V. "Yaḥyà ibn Yaḥyà al-Layṯī", *BA* 5, pp. 49-75, nº 1340.

[36] Sobre a receção e implantação da escola jurídica maliki em al-Andalus, v. LÓPEZ ORTIZ, José, "La recepción de la escuela malequí en España". In *Anuario de Historia del Derecho Español*. Madrid: Agencia Estatal Boletín Oficial del Estado, 1930, pp. 1-167.

e condiscípulos – conciliando juristas e tradicionistas[37] –, e também a sua Beja, fossem incluídos naquela exaltação do al-Andalus califal, reiterando uma vez mais, com o seu trabalho e através dele, a lealdade à dinastia, que no caso da sua linhagem de origem oriental, já vinha desde o Califado Omíada do Oriente.

2.4. A obra como texto

O texto no seu conjunto não aparenta ter tido uma grande extensão, ou pode que Ibn al-Faraḍī tenha recolhido do texto de Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī apenas o que lhe pareceu mais importante nas notícias originais.

As notícias biográficas destes homens são algo esquemáticas, geralmente bastante breves, e sem grandes dados cronológicos, o que obriga a cruzá-las com as dos condiscípulos, com as dos respetivos mestres, ou com outras efemérides que ajudem a situar os trajetos de vida dos indivíduos biografados.

A onomástica daqueles indivíduos também se caracteriza por uma cadeia genealógica (*nisba*) breve, composta pelo nome próprio e pelo do pai ou, em alguns casos, pelo do avô. Tudo isto indica claramente que, na sua maioria, seriam *muwalladūn* ou *muladis*, ou seja, filhos ou netos de convertidos ao Islão, e com origem na população ibero-romano-goda. Apenas surgem dois com *nisba*'s árabes, o que não garante que fossem mesmo árabes, antes seriam possíveis clientes de árabes e de quem teriam tomado a *nisba* tribal. Também há uma linhagem *muladi* de possível origem judaica, e há o caso, *sui generis*, da linhagem de Ibrāhīm ibn Muḥammad al-Bājī, que não sendo árabes também não eram ibero-romano-godos.

3. A linhagem dos *Banū Yazīd al-Bājī* e os meios eruditos de Beja (c. 840 d.C. – 962 d.C.)

No âmbito deste trabalho apenas tratarei de forma sucinta, os vários elementos da linhagem dos *Banū Yazīd al-Bājī*, a qual é o eixo textual descritivo da constelação jurídica bejense que pretendo vir a trabalhar, de forma completa, num futuro próximo.

3.1. 1ª geração

3.1.1. Ibrāhīm ibn Isḥāq ibn 'Īsà ibn Aṣbaġ ibn Khālid ibn Yazīd al-Bājī (Beja, 809 d.C. – Beja, 881 d.C.)

[37] Relacionamento que fora extremamente conflituoso no século IX, com alguns juristas a pedirem penas de morte para alguns tradicionistas, em especial para Baqī ibn Makhlad (sobre este assunto, v. FIERRO BELLO, Mª Isabel, "El processo contra Baqī b. Majlad". In *La Heterodoxia en al-Andalus durante el período omeya*. Madrid: Instituto Hispano-Arabe de Cultura, 1987, pp. 80-88).

Ibrāhīm ibn Isḥāq ibn ‘Īsà, avô do autor do texto prosopográfico, natural de Beja, pertencia a uma linhagem de “clientes” dos Omíadas (*min mawāli Banī Umayya*), e que naquela condição já tinham vindo do Médio Oriente para al-Andalus. Teve a *kunya*[38] de Abū Isḥāq.

A formação intelectual de Ibrāhīm ibn Isḥāq ibn ‘Īsà teve lugar, em Beja ou em Sevilha, como discípulo e companheiro de Baqī ibn Makhlad[39], pois é o único mestre que o seu neto lhe associa. Ibrāhīm ibn Isḥāq foi versado na área dos Dogmas Teológicos (*‘Ilm al-Kalam*).

Nada consta, objetivamente, sobre se em algum período terá abandonado al-Andalus em direção ao Oriente, buscando mais instrução e para fazer a peregrinação a Meca.

Foi Ibrāhīm ibn Isḥāq ibn ‘Īsà o primeiro *muftì* (jurisconsulto) maliki, de entre os juristas de Beja, cargo que manteve até à fase final da sua vida, tendo sido depois substituído por Hišām ibn ‘Amrūs[40].

Ibrāhīm ibn Isḥāq ibn ‘Īsà também dirigiu a oração (*ṣāḥib al-ṣalāh*), na sua cidade de Beja, tendo sucedido, diretamente, a Yaḥyà ibn Hazm al-Ansari (m. 869 d.C.)[41], o qual sucedera a Isḥāq ibn ‘Abd Rabbihi (m. 854 d.C.)[42].

Episódio contemporâneo de Ibrāhīm ibn Isḥāq ibn ‘Īsà, de que o seu neto deixou memória, e que ilustra a resistência dos juristas de Beja a pressões para a legitimação dos

[38] KAZIMIRSKI, A. de B., *Dictionnaire Arabe-Français*, II vols., Paris. Maisonneuve et Cie. Ed., 1860, v. II, p. 938: apodo patronímico construído tradicionalmente com o nome do filho primogénito, naquele caso, Abū Isḥāq = pai de Isḥāq.

[39] A mais atualizada síntese e conjunto bibliográfico sobre Baqī ibn Makhlad, em “IBN MAJLAD, BAQĪ”, *BA* 4, pp. 68-72, nº 756.

[40] Hišām ibn ‘Amrūs: jurista discípulo de Yaḥyà ibn Yaḥyà al-Laytī, v. IBN AL-FARAḌĪ, *Ta’rīkh ‘Ulamà al-Andalus*, nº 1541; MARÍN, Manuela, “Los Ulemas de Beja: formación y desaparición de una elite urbana”, … pp. 32-33; MARÍN, Manuela, “Nomina de Sabios de al-Andalus (93-350 / 711-961)”, in *EOBA* I, 1988, pp. 23-182, nº 1486; LÓPEZ ORTIZ, José, "La recepción de la escuela malequí en España”, p. 140.

[41] Yaḥyà ibn Hazm al-Ansari: v. IBN AL-FARAḌĪ, *Ta’rīkh ‘Ulamà al-Andalus*, nº 1558; MARÍN, Manuela, “Los Ulemas de Beja: formación y desaparición de una elite urbana”, … p. 34; MARÍN, Manuela, “Nomina de Sabios de al-Andalus (93-350 / 711-961)”, … nº 1533.

[42] Isḥāq ibn ‘Abd Rabbihi, estudara com dois dos maiores mestres da escola maliki, primeiro em Córdova com o já referido Yaḥyà ibn Yaḥyà al-Laytī, e, mais tarde, em Qayrawan, na atual Tunísia, com Saḥnūn ibn Sa’īd. A sua viagem (*riḥla*), que passou pelo Norte de África, terá integrado também a peregrinação a Meca. Mais tarde contraiu lepra, o que o fez abandonar a vida pública. Homem ilustrado e probo. (v. IBN AL-FARAḌĪ, *Ta’rīkh ‘Ulamà al-Andalus*, nº 224). V. também MARÍN, Manuela, “Los Ulemas de Beja: formación y desaparición de una elite urbana”, … p. 34; MARÍN, Manuela, “Nomina de Sabios de al-Andalus (93-350 / 711-961)”, in *EOBA* I, nº 239; LÓPEZ ORTIZ, José, "La recepción de la escuela malequí en España”, p. 140; MARÍN, Manuela, “Los Ulemas de al-Andalus y sus Maestros Orientales (93-350 / 711-961)”, in *EOBA* III (1990), p. 299.

novos poderes *muladis* do Ġarb, é o caso dos *Banū Junnāḥ*[43], que abandonaram Beja e foram radicar-se definitivamente em Marachique (*Marjīq*).

Ficaram notícias de três filhos de Ibrāhīm ibn Isḥāq ibn ʻĪsà: respetivamente Isḥāq, Ṣumayl e Muḥammad.

3.1.2. 2ª geração

3.1.2.1. Isḥāq ibn Ibrāhīm (Beja, c. 860 d.C. – Norte de África?, 936 d.C.)

Seria o primogénito de Ibrāhīm ibn Isḥāq ibn ʻĪsà se atendermos à *kunya* do pai.

Podendo ter começado os estudos na sua cidade, abandonou a Península na década de 80 do século IX d.C. e foi estudar com vários mestres, em Qayrawān, na atual Tunísia, destacando-se entre eles Saʻdūn ibn Aḥmad ibn Khawlānī[44], famoso mestre da escola maliki, de quem obteve muito conhecimento.

Não constando que tivesse regressado a al-Andalus, é possível que tenha terminado a sua vida no Norte de África[45].

3.1.2.2. Ṣumayl ibn Ibrāhīm (Beja, c. 865 d.C. – Susa, Norte de África, 920 d.C.)

Ṣumayl teve como mestre, em al-Andalus, a Baqī ibn Makhlad, que já fora mestre de seu pai, e de quem terá recebido a *ijāza* (licença, diploma), pois mais tarde Ṣumayl ensinou a partir de textos daquele mestre.

Não se interessou pelas leis, mas antes pelas Tradições Proféticas (*aḥādiṯ*), em que se especializou e em que Baqī ibn Makhlad foi uma autoridade.

Deixou al-Andalus, foi para o Oriente, onde terá peregrinado a Meca e manteve-se no Oriente até ao fim da vida.

Já na fase final da sua vida coincidiu em Susa, na atual Tunísia, com o seu sobrinho Aḥmad ibn Muḥammad, a quem ensinou o tratado de tradições proféticas elaborado pelo seu mestre Baqī ibn Makhlad e intitulado *Musnad*.[46]

3.1.2.3. Muḥammad ibn Ibrāhīm (Beja, 875 d.C. – Beja, 939 d.C.)

---

[43] Esta gente terá origem num judeu convertido ao Islão, chamado Junnāḥ, transcrição fonética do nome hebraico Jonah [Jonas], semelhante ao patronímico do médico judeu andalusi do século X, Marwān ibn Janāh / Jannāh / ou Junnāh (v. "Marwān ibn Janāh", *BA* 6, nº 1354, pp. 88-95; PEÑA, Carmen, et all. - "Corpus medicorum arabico-hispanorum". in *Awraq* 4 (1981), Madrid: Instituto Hispano-árabe de Cultura, pp. 79-111, p. 85); e também porque Jonas em árabe é *Yūnus*, termo ausente da onomástica destes bejenses dos séculos IX e X.

[44] MARÍN, Manuela, "Los ulemas de al-Andalus y sus maestros orientales (93-350 / 711-961)". *EOBA* III (1990), pp. 257-306, p. 299.

[45] IBN AL-FARAḌĪ, *Ta'rīkh 'Ulamà al-Andalus*, nº 230.

[46] IBN AL-FARAḌĪ, *Ta'rīkh 'Ulamà al-Andalus*, nº 611.

Ao contrário dos seus irmãos que acabaram abandonando al-Andalus, Muḥammad fez os seus estudos na Península, em Beja e especialmente em Sevilha, e o seu percurso também decorreu na sua Beja, onde acumulou vários cargos e atingiu o maior estatuto social entre os da sua família.

Entre os seus principais mestres constam Muḥammad ibn Junādah al-Išbīlī[47], de Sevilha, e Muḥammad ibn'Abd Allah ibn al-Qawn[48], originário de Beja, e ambos grandes especialistas dentro da escola jurídica maliki.

Ibn al Qawn foi contemporâneo de seu pai, Ibrāhīm ibn Isḥāq, ainda que bastante mais novo, e foi mais um dos seus sucessores no cargo de *muftì* em Beja.

Muḥammad ibn Ibrāhīm foi jurisconsulto (*muftì*), foi membro do Conselho Jurídico de Beja (*mušāwir*) e chegou mesmo a presidir ao mesmo Conselho (*rā'is al-šūra*). E conduziu a oração de 6ª feira (*khaṭīb*) durante três décadas.

Apenas consta referência à descendência deste Muḥammad: Aḥmad, Ibrāhīm e 'Abd Allah

3.1.3. 3ª geração

3.1.3.1. Aḥmad ibn Muḥammad (Beja, 895 – Beja, 983)

Na notícia de Aḥmad diz que ele é o mais velho dos irmãos, pelo que a *kunya* de seu pai, ausente na respetiva nota, seria *Abū Aḥmad*.

A sua *kunya* pessoal foi *Abū l-Qāsim*.

Aḥmad foi discípulo de Muḥammad ibn Lubābah[49], e, como os seus dois irmãos Ibrāhīm e 'Abd Allah, todos estudaram com Ibn al-Jabbāb[50].

Estes dois mestres foram dos principais juristas (*fuqahà*) maliki daquela época.

Em 926 viajou para o Oriente e peregrinou a Meca. Na viagem de regresso encontrou o seu tio Ṣumayl com quem estudou tradições proféticas (*aḥādiṯ*).

De regresso a Beja, acabou tendo um lugar de relevo na administração da sua cidade[51].

3.1.3.2. Ibrāhīm ibn Muḥammad (Beja, 899 – Beja, 962)

[47] MARÍN, Manuela, "Nomina de Sabios de al-Andalus (93-350 / 711-961)", in *EOBA* I, 1988, nº 1157.
[48] MARÍN, Manuela, "Nomina de Sabios de al-Andalus (93-350 / 711-961)", in *EOBA* I, 1988, nºs 1231 e 1258.
[49] MARÍN, Manuela, "Nomina de Sabios de al-Andalus (93-350 / 711-961)", in *EOBA* I, 1988, nº 1283. e 1258.
[50] *BA* 6, nº 1320, pp. 17-18.
[51] IBN AL-FARAḌĪ, *Ta'rīkh 'Ulamà al-Andalus*, nº 170.

Trata-se do autor da obra bio-prosopográfica, sobre a qual assenta este trabalho. Teve a *kunya* de *Abū Isḥāq*.

Compartilhou com o seu irmão Aḥmad o mestre Muḥammad ibn Lubābah, e com Aḥmad e ʻAbd Allah estudou com Ibn al-Jabbāb, mas teve ainda como mestre Muḥammad ibnʻAbd Allah ibn al-Qawn, o qual já fora mestre de seu pai.

Grande especialista no conhecimento do idioma árabe, foi também um excelente gramático e orador eloquente, para além de exímio poeta.

A nível jurídico foi *muftí* em Beja, como já o tinham sido o seu avô e o seu pai. E dirigiu a oração (*ṣāḥib al-ṣalāh*) na sua cidade, como também ocorrera com o seu avô.

3.1.3.3. ʻAbd Allah ibn Muḥammad (Beja, 917 – Beja, 980)

Teve a *kunya* de *Abū Muḥammad*.

Estudou em Córdova, com Ibn Ayman, entre outros, e foi condiscípulo de seus irmãos quando estudou com Ibn al-Jabbāb.

Regressado a Beja, foi diretor da oração (*ṣāḥib al-ṣalāh*), e jurisconsulto (*mufti*) cargos recorrentes na sua família em várias gerações, e em que substituiu o seu irmão Ibrāhīm, após a morte deste.

Era um homem de bom carácter e dedicado ao misticismo.

Foi ele o principal informante de Ibn al-Faraḍī, e quem terá facilitado o texto elaborado por seu irmão, e que Ibn al-Faraḍī usou para a sua obra[52].

3.1.4. 4ª geração

3.1.4.1. Isḥāq ibn Ibrāhīm ibn Muḥammad (Beja, c. 935 – Beja? C. 1010)

A sua *nisba* possibilita, de facto, que se trate de um filho de Ibrāhīm, o autor do texto, e neto de Muḥammad, pois coincide com a *nisba* daqueles.

Não se lhe conhecem mestres, talvez com a exceção do seu próprio pai, pois os conhecimentos linguísticos, retóricos e poéticos de Isḥāq ibn Ibrāhīm ibn Muḥammad, replicavam os do seu progenitor. E os conhecimentos jurídicos e de tradições proféticas, também tradicionais na sua linhagem, poderiam, todos eles terem sido aprendidos, de facto, dentro do seu ambiente familiar[53].

Conclusão

[52] IBN AL-FARAḌĪ, *Ta'rīkh 'Ulamà al-Andalus*, nº 709.
[53] AL-ZUBAIDĪ, *Ṭabaqāt al-naḥwiyīn wa-l-luġawiyyīn*, p. 309, nº 291; MARÍN, Manuela, "Nomina de Sabios de al-Andalus (93-350 / 711-961)", … nº 233; MARÍN, Manuela, "Los Ulemas de Beja: formación y desaparición de una elite urbana", p. 36; *BA* A, nº 1928, p. 31.

Uma linhagem, de origem oriental e ligada à dinastia Omíada, reinante em Damasco e depois em Córdova, por forte lealdade. Esta gente emergiu no Ġarb al-Andalus, em Beja sedeados, e associada à ascensão da escola jurídica maliki, desde meados do século IX d.C., e que cruzou as dissidências autonómicas muladis, até ao apogeu do Califado.

E tudo parece apontar para que esta linhagem bejense tenha entrado em ocaso, se não biológico, pelo menos social, com o fim do Califado e as desintegrações originadas pelas Taifas e a perda, pelos maliki, da preeminência jurídica legitimadora, que tinham tido durante o período Califal.

Esta família e as constelações de juristas em torno dela permite resgatar quase dois séculos de história do Ġarb al-Andalus, e trazer à luz indivíduos e transmissões de saberes numa região recorrente e pressupostamente entendida como vazia de protagonistas e de conhecimento.